



Habitat o corpo sem pagar renda pressupõe
coima punida por lei: a liberdade.

Inquívito

I ANTI-DEPRESSIVO

Junho de 2013

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]

Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

VI METANFETAMINA

Noite branca

Há esse sortilégio são joanino que cobre o Porto

O cheiro a verdes de caldo, a carne succulenta
O burburinho popular da festa rude
Que desfaz partidos e ideais

Há fogo que rasga céu, explosivo
Que pinta cores com rasto de cometas

Vejo-os sobre o rio, empoleirados, admirando-o
Tão suspensos, tão sustidos

Há chiado desses martelos profanos
Que acorda mentes, impertinentes

Há esse estado de excepção para a folia
Da Sé à Ribeira, dos Guindais a Miragaia
Da Foz a Matosinhos
Da Boavista à Cordoaria
Das Virtudes à Vitória
Dos Aliados a uma Gaia-irmã

Há esta pândega que nos faz dançar
Diluir nos corpos dos outros
Tão secular, tão religiosamente mundano

II PRÓ BIÓTICO

Atados

Gaspeadeira de sapatilhas procura cavalheiro
para companhia. Profissional de cordões busca
dama para passar o tempo. Conheceram-se
numa sapataria. Deram o nó!

III ANALGÉSICO

A vida, pluff: é um curto-circuito!

IV ANTI-PIRÉTICO

Cereja

Gosto de ti carnuda, succulenta, quase a estalar
-me na boca, a desfazeres-te em minúsculos
pedaços, a pintares-me lábios e língua. Gosto
de te usar, já cheiras a Verão

V ANTIVIRAL

Grisalha

Prometia ter chegado cheia de novas texturas,
combinações coloridas;
andou a despir as árvores dos fiapos de
Inverno, pôs-lhes lenços verdes,
Hoje acordou desmaiada, a ameaçar lágrimas.
Não sei quem andará a derramar o pantone
cinza lá de cima;
Talvez, a Primavera, por causa desse tirano do
Tempo, esteja também a ficar gris(alha).

A LAVADEIRA DO DOURO

Todos os dias, a Micas picava ponto em casa da Dona Adelaide, da Dona Gervásia, da Dona Lurdes e da Dona Amélia, damas da mais fina flor social portuense, para lhes trazer as roupas a lavar no Douro. Ia e vinha, ia e vinha. Bons músculos se lhe viam enrijecidos nas pernas se lhe levantássemos a saia. Punha a roupa que podia numa trouxa que erguia à cabeça, porque não tinha burro de carga que as transportasse. Caminhava de socos até à Ribeira, cantarolando. Era alegre, a Micas. Antes dela, já a bisavó, a avó e a mãe o fizeram. Sustentava três filhos pequenos, um marido bêbado e uma mãe tirana que lhe a chamava de “galdéria mandriona”.

Olhos ternos, de um mel-âmbar, cabelos de um dourado castanho. Esfregava lençóis, calças, saias e cuecas nas margens durientes. A água tinha um cheiro adocicado e levava o suor das mulheres. Aos vestidos brancos, a Micas punha-os a corar molhados e ainda com sabão. Não se queixava, esta balzaquiana de vestes pretas, lenço puído e mãos gastas de água e gordura de panelas e terra da horta.

Vinha de longe, de Famalicão. Acordava com o galo às quatro da matina, ainda o sol dormia. Não se importava da mecânica da profissão porque era a sua forma de liberdade, saindo da beira do homem ruim e da mãe ingrata; tagarelando com a Alzira, a Lucinda e a Celina, comadres de profissão e coscuvilhices. Tudo corria conforme até que aconteceu uma grande catástrofe que prometia revolucionar os direitos fundamentais. Era “um avanço civilizacional”, “um sinal de desenvolvimento para a cidade e para o país”. Foi Alzira quem deu a notícia. Assomara, naquela manhã, alvoraçada com o que o rádio lhe denunciara. Pois bem, chegara a água canalizada. A Micas ficou desempregada.

Comprimidos Literários e Prosa de Vanessa Rodrigues

Ilustração de Carla Anjos

S

Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoportopt

Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 31 de maio de 2013